

As Fumaças do antropoceno: entre incêndios e céus candentes

Gustavo Guedes Brigante¹

ORCID - 0000-0002-3052-6682

Thamirez Lutaif Lopes²

ORCID - 0000-0001-8462-7852

Resumo: O artigo objetiva discorrer sobre os fogos no Pantanal a partir de duas modalidades de seu uso: a primeira performada por sociedades caçadoras-coletoras (tomando como pano de fundo, sobretudo, a etnia indígena yanomami) e a segunda performada por uma lógica de expansão capitalista e colonialista. Apreciamos as queimadas yanomami a partir do que Anna Tsing classifica como “perturbações lentas” e os incêndios a serviço do capital a partir do que a autora classifica como “perturbações rápidas”. Com isso, investigamos as condições e os potenciais dos modos de “habitar”, conforme a noção desenvolvida por Tim Ingold, tendo em vista essas duas modalidades. Argumentamos que há uma linha de continuidade que perpassa tanto as fumaças dos incêndios a serviço do capital quanto as “fumaças” que constituem a pandemia do novo coronavírus de acordo com a cosmologia yanomami sobre a queda do céu ou fim do mundo. Ambas as “fumaças” também são caracterizadas como eventos de “perturbação” rápida. Por fim, foi considerada a possibilidade de um devir-onça e de um devir-indígena a partir da noção de “devir-animal”, tratada por Gilles Deleuze e Félix Guattari como maneiras de “segurar” o céu. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica e documental.

75

Palavras-chave: 1. Covid-19. 2. Fogo. 3. Yanomami. 4. Devir-animal.

¹ Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. Integrante do Núcleo de Estudos da Complexidade (Complexus), da PUC-SP, e do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Consumo (GPCCC), da UFG. E-mail: gustavo.brigante@hotmail.com.

² Doutoranda em Antropologia Social pela UFSC. Pesquisadora da Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana e colaboradora do Projeto Marauíá - Escola Yanomami. E-mail: thamirezlutaif@gmail.com.

Abstract: The article aimed to discuss the Pantanal fires from two modalities of its use: the first performed by hunter-gatherer societies (taking as a backdrop, above all, the Yanomami indigenous ethnicity) and the second performed by a logic of capitalist and colonial expansion. We appreciate Yanomami fires from what Anna Tsing classifies as “slow disturbances” and fires in the service of capital from what the author classifies as “rapid disturbances”. With that, we investigate the conditions and potentials of the ways of “inhabiting”, according to the notion developed by Tim Ingold, considering these two modalities. We argue that there is a line of continuity that runs through both the smoke from fires at the service of capital and the “smoke” that constitutes the new coronavirus pandemic according to Yanomami cosmology about the fall of the sky or the end of the world. Both “smoke” are also characterized as rapid “disturbance” events. Finally, the possibility of becoming-jaguar and becoming-indigenous was considered based on the notion of “becoming-animal” treated by Gilles Deleuze and Félix Guattari as ways of “holding” the sky. The methodology used was bibliographical and documental review.

76

Keywords: 1. Covid-19. 2. Fire. 3. Yanomami. 4. Becoming-animal.

Resumen: El artículo tuvo como objetivo discutir los fuegos del Pantanal desde dos modalidades de su uso: la primera realizada por sociedades cazadoras-recolectoras (tomando como trasfondo, sobre todo, la etnia indígena Yanomami) y la segunda realizada por una lógica de expansión capitalista y colonial. Apreciamos las quemadas yanomami desde lo que Anna Tsing clasifica como “disturbios lentos” y los incendios al servicio del capital de lo que la autora clasifica como “disturbios rápidos». Con eso, investigamos las condiciones y potencialidades de las formas de “habitar”, según la noción desarrollada por Tim Ingold, considerando estas modalidades. Argumentamos que hay una línea de continuidad que atraviesa tanto el humo de los fuegos al servicio del capital como el “humo” que constituye la nueva pandemia de coronavirus según la cosmología yanomami sobre la caída del cielo o el fin del mundo. Ambos “humos” también se caracterizan como eventos rápidos de “perturbación”. Finalmente, se consideró la posibilidad de un jaguar-devenir y un indígena-devenir a partir de la noción de “devenir-animal” tratado por Gilles Deleuze y Félix Guattari como formas de “sostener” el cielo. La metodología utilizada fue la revisión bibliográfica y documental.

77

Palabras clave: 1. Covid-19. 2. Fuego. 3. Yanomami. 4. Devir-animal.

Introdução (ou rastros do animal humano)

18 de setembro de 2020: a nuvem de fumaça provocada pelos incêndios na Amazônia, no Cerrado e no Pantanal se alastrou pela cidade de São Paulo (quando e onde começamos este escrito). A nuvem de fumaça se estendeu por mais de 4 mil km, chegando ao Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai³. A fumaça carregava fuligem e gases tóxicos que sucumbem a saúde respiratória do animal humano, o que já seria a consolidação do caos mesmo que não estivéssemos no meio da pandemia do novo coronavírus, que espalha as mortes por síndromes respiratórias agudas. Enquanto isso, a agenda do ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, estava vazia, e o presidente Jair Bolsonaro parabenizou o modo como o Brasil cuida da área, em ato de homenagem ao agronegócio. Além disso, proibiu o Exército de conter os incêndios.⁴

O discurso do presidente, na abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), reafirmou a catástrofe. Porém, não no sentido de trazer o caos que estava acontecendo no Brasil ao conhecimento da ONU, mas tentando encobertá-lo de tal forma que a situação brasileira apenas seguiu para o abismo. O presidente continuou a defender o agronegócio e a mentir sobre a situação do desmatamento e das queimadas. Nas suas palavras: “Nosso agronegócio continua pujante e, acima de tudo, possuindo e respeitando a melhor legislação ambiental do planeta. Mesmo assim, somos vítimas de uma das mais brutais campanhas de desinformação sobre a Amazônia e o Pantanal”. Além de negar os incêndios, como era esperado, culpou os “índios” pelo colapso em questão: “Nossa floresta é úmida e não permite a propagação do fogo em seu interior. Os incêndios acontecem praticamente nos mesmos lugares, no entorno leste da Floresta, onde o caboclo e o índio queimam seus roçados em busca de sua sobrevivência, em áreas já desmatadas”⁵.

³ URL da matéria: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2020/09/18/nuvem-de-fumaca-provocada-por-queimadas-no-pantanal-chega-ao-ceu-de-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 24/08/2021.

⁴ URL da matéria: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/brasil-esta-de-parabens-diz-bolsonaro-sobre-preservacao-do-meio-ambiente/>. Acesso em: 24/08/2021.

⁵ URL da matéria: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/09/22/veja-a-integra-do-discurso-de-jair-bolsonaro-na-abertura-da-75a-assembleia-geral-da-onu.ghtml>. Acesso em: 24/08/2021.

Durante uma entrevista a respeito do assunto⁶, Carlos Nobre, pesquisador notoriamente ligado às questões do clima e dos colapsos ambientais, afirmou enfaticamente que o protagonismo desses incêndios pertence à ação de agricultores de grandes posses, da potente oligarquia do agronegócio e de seus gerenciadores. Segundo o pesquisador, essa prática é adotada como uma tradicional estratégia de expansão da área de pecuária e, embora não apenas grandes proprietários façam o uso do incêndio, “quase tudo, acima de 80% dessa expansão, é feita por grandes propriedades, não é o pequeno agricultor ou o caboclo ou a roça indígena”. No mesmo sentido, o estudo realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), descartou a ideia de que os incêndios sejam causados por populações tradicionais, como indígenas e caboclos⁷.

Além da discrepância quantitativa apontada por Nobre, há também uma significativa discrepância qualitativa entre os modos de se operar o fogo. A roça de coivara, muito praticada entre diversas etnias indígenas, é descrita como uma roça itinerante baseada em corte e queima. Com cuidado, é escolhido o lugar em que será aberta a clareira para estabelecimento das roças que serão alternadas ao longo do tempo e, durante um ato coletivo e ritual, as plantas são cortadas, e o fogo é manejado de modo controlado (Leonel, 2000). Os indígenas normalmente escolhem uma área cercada por plantas secas que retêm o fogo por um período de tempo mais longo. Enquanto a área queima, ficam a postos com grandes folhas para conter o fogo, para que não sejam queimadas outras áreas além da própria roça. Em suma, a coivara não é conduzida pela lógica da expansão, mas pela lógica da alternância.

Portanto, o uso do fogo como estratégia conta com sentidos, contextos e consequências diferentes. Na discrepância qualitativa em relação à queimada de coivara, os incêndios se delineiam, pela lógica do capital, como uma lucrativa política imperialista, bélica e, sobretudo, de baixo custo financeiro para seus promotores: expansão através da destruição de lugares e corpos, em uma fálca e violenta reafirmação do “eu” pela expulsão do “outro”. Isso corresponde à velha estratégia de acumulação primitiva do capital em sua fórmula fundante: capital

⁶ URL da matéria: <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/08/nem-caboclos-nem-indigenas-desmatamento-e-grilagem-queimam-a-amazonia-diz-estudo>. Acesso em: 24/08/2021.

⁷ URL da matéria: <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/08/nem-caboclos-nem-indigenas-desmatamento-e-grilagem-queimam-a-amazonia-diz-estudo>. Acesso em: 24/08/2021.

equivalente a extermínio, ou seja, à acumulação dos espólios obtidos através de obliteração sistemática. Ontem (e mesmo hoje), nos torturados pés agrilhoados de escravizados povos caçadores e coletores, hoje (e mesmo ontem) nas torturadas patas queimadas de onças e de tantas outras criaturas.

No dia 25 de maio de 2020, o caso de George Floyd, cidadão preto norte-americano que foi assassinado pelo policial branco Derek Chauvin, teve repercussão mundial. O policial pressionava seu joelho contra o pescoço de Floyd, que repetia incessantemente: “não consigo respirar”⁸. De fato, 2020 foi um ano marcado pela falta de ar e pelo sufocamento dos grupos minoritários: pobres, pretos, indígenas, caboclos, animais não-humanos e plantas. Tal cenário constitui justamente paisagens de “diversidade contaminada” que, conforme Anna Tsing (2019: 23), “emerge como os detritos da destruição ambiental, da conquista imperial, dos fins lucrativos, do racismo e da norma autoritária — assim como do devir criativo”.

Portanto, o presente artigo é uma tentativa de trazer à superfície alguns desses sufocamentos como consequências do desmonte socioambiental da política bolsonarista, sobretudo no contexto da pandemia do novo coronavírus. Partimos das diferenças entre os usos do fogo em regime de “perturbação lenta” (relacionado aqui ao modo pelo qual os Yanomami trazem o fogo ao uso em forma de “queimadas” de pequena escala, de modo a não implicar em erosões radicais ou culminar em colapsos ambientais) e “perturbação rápida” (relacionado aqui às estratégias expansionistas a serviço do agronegócio, cujo fogo é trazido ao uso em forma de “incêndios” de grande escala, de modo a implicar em erosões radicais e culminar em colapsos ambientais), no contexto das queimadas e incêndios na Amazônia e no Pantanal, enfocando seus diferentes impactos para os “habitares” das regiões atingidas pelo fogo.

Em seguida, partindo da profecia cosmológica yanomami a respeito da morte dos xamãs e da queda do céu devido a ações movidas pela lógica colonialista, estabelecemos uma linha de correspondência entre os incêndios nas regiões enfocadas e a pandemia do novo coronavírus através de uma associação das “fumaças”. Por fim, a partir da noção de “devir-animal”, apresentamos a ideia de um devir-onça e de um “devir-indígena” como forma de resistência em relação à

⁸ URL da matéria: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/07/09/george-floyd-disse-mais-de-20-vezes-que-nao-conseguia-respirar-revela-transcricao.ghtml>. Acesso em: 24/08/2021.

queda do céu. A metodologia utilizada foi de perfil qualitativo, voltada à análise de referências bibliográficas e documentais.

Patas queimadas, caminhos em cinzas

Nós, criaturas, estamos à deriva. Lançados às marés da História, agarramo-nos às coisas, com a esperança de que a fricção seja suficiente para nos salvar daquilo que de outro modo nos varreria para o esquecimento (Ingold, 2015: 3).

Setembro de 2020 marcou o recorde de queimadas do Pantanal, contando com quase 3 milhões de hectares em cinzas. Os incêndios antropogênicos destruíram 92 mil hectares do parque que guarda o maior refúgio de onças-pintadas da Terra, o que corresponde a 85% desta área.⁹ ONG resgataram onças com patas queimadas e desidratação, sem contar as que morreram por falta de condições para o resgate. Os números (assim como todos os acontecimentos associados a eles) são extremamente nefastos e abrem amplo leque de questões e investigações, dependendo da abordagem adotada.

Os usos do fogo são, com efeito, tão múltiplos quanto suas perturbações e políticas. Guilherme Fagundes (2019), em sua tese de doutorado sobre os Fogos Gerais no Jalapão, expõe os (vários) contrastes e (poucas) confluências entre os habitantes geralistas quilombolas e os gestores ambientais acerca das definições e entendimentos dos fogos na mata. O que o autor designa como “ciclo do fogo” elenca uma vastidão de tipos de fogos cujas identificações e percepções se atentam a diversas variáveis: escala, manejo, temporalidade e localidade. Mais do que um mero debate conceitual, é um compromisso entre o ambiente e suas criaturas.

Conforme sua pesquisa, os quilombolas geralistas cotidianamente trazem o fogo ao uso de modo a promover o que chamam de “queimadas sadias”, cujas perturbações são benéficas a certos processos generativos e habitacionais nas regiões focalizadas. Assim, por exemplo, “aceiros”, “fogos de porta”, “queimadas”, “fogos de precisão” e “fogos de roça (de pasto)”, são percebidas como ações que “potencializam estas formas de vida [animais de pasto e caça]. Poderíamos até

⁹ URL da matéria: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/09/16/85percent-de-parque-no-pantanal-de-que-abriga-maior-refugio-de-oncas-pintadas-no-mundo-foi-destruido-por-incendios.ghtml>. Acesso em: 24/08/2021.

qualificá-las como ações eminentemente terapêuticas” (Fagundes, 2019: 143), visto que modulam os ritmos que compõem a matriz de movimento através da qual o ambiente é trazido à vida (Ingold, 2011). Esse tipo de intervenção se enquadra como um evento de “perturbação lenta”, referentes aos ecossistemas antropogênicos nos quais estão presentes formas de colaboração interespecíficas, ou seja, nos quais diversas espécies convivem simultaneamente (Tsing, 2019).

A título de exemplo, consideremos brevemente o caso da feitura de aceiros. O aceiro, termo de ampla difusão, refere-se à técnica que consiste em “limpar a vegetação de seu entorno, promovendo faixas de solo exposto e, assim, fragmentando o material combustível” (Fagundes, 2019: 226). A aplicação do aceiro, desse modo, seja através de máquinas de corte e esmagamento vegetal (no caso dos aceiros mecânicos, utilizados por brigadistas) ou do uso do fogo (no caso dos aceiros negros, utilizados pelos quilombolas geralistas), visa proteger a área aceirada de futuros incêndios. No aceiro negro, especifica o autor (Ibidem: 218), “a manipulação técnica determina positivamente o caminho do fogo através de ações percussivas com abafadores e jatos d’água no sentido contrário ao que se pretende queimar”.

Os povos Yanomami, cuja profecia acerca da queda do céu muito interessa para o presente enfoque, também traçam linhas de fogo que propiciam seu “habitar” e colaborações interespecíficas. A prática da coivara, por exemplo, é caracterizada pela abertura de clareiras, via corte e queima, que servirão para cultivo de menor durabilidade em relação àqueles destinados ao pousio. Atualmente, praticada em todas as regiões tropicais do planeta, a abertura de clareiras de cultivo pela agricultura de corte e queima, explanam Brown e Lugo (1997), propicia a emergência de florestas secundárias, colaborando para um processo de enriquecimento da biodiversidade. Além disso, as perturbações ocasionadas pela coivara também enriquecem o solo. Conforme Adams, Pedroso e Murrieta (2008: 156):

Na Amazônia, por exemplo, a maioria dos diferentes tipos de solo é pobre, com exceção da terra roxa e de solos antrópicos como a terra preta de índio. Dessa forma, o sistema depende da queima da biomassa acumulada durante a recuperação florestal para aumentar as qualidades nutricionais do solo e preparar a área para o cultivo por meio da cinza, que pode, por exemplo, aumentar enormemente a quantidade de potássio, cálcio e magnésio disponíveis nos solos.

Nem sempre, portanto, o fogo é “ruim”, podendo ser utilizado para realizar “queimas sadias”, cujas chamas abrem clareiras para novos processos generativos e cujas cinzas nutrem o solo. Contudo, em radical contraste a essas modalidades de queimada, estão os incêndios movidos a serviço da oligarquia do agronegócio, mineração e extração madeireira. Os incêndios, em contraposição às queimadas, estabelecem ritmos de “perturbação rápida”, inesperada, e configuram impactos danosos às possibilidades de habitação. A paisagem de “perturbação rápida”, portanto, estaria relacionada às ruínas e cicatrizes nefastas deixadas pela perturbação humana em grande escala. A partir disso, e tomando inspiração em Anna Tsing, podemos compreender o uso do fogo, estabelecido pelas sociedades caçadoras-coletoras, como uma transformação da paisagem a partir de uma “perturbação lenta”, a exemplo das “queimadas”, e o uso do fogo, tal como é dado pela lógica capitalista, como uma transformação da paisagem a partir de “perturbação rápida”, caso dos “incêndios”.

Com efeito, é importante ressaltar que mesmo o fogo de queimada, quando submetido às lógicas e condições de hiperprodução, tem suas eficácias terapêuticas comprometidas. Conforme Zarin *et al.* (2005), um histórico marcado por significativos adensamentos demográficos e acelerado ritmo de queimadas simultâneas, pouco espaçadas e sequenciais tornam a floresta mais suscetíveis ao fogo e reduzem a taxa de crescimento florestal secundário. Em considerável parte, tal concentração se deve à expansão do grande capital agropecuário, minerador e madeireiro, que ocupa devastadoramente grandes territórios e diminuem a quantidade de possíveis lugares destinados à realização de coivaras (e outras queimadas tradicionais). Nessas condições, ocorre tanto uma concentração danosa de áreas destinadas à queima tradicional, quanto repetições mais frequentes de queimadas nas mesmas áreas. Por outro lado, “quando praticada tradicionalmente em grandes áreas florestadas, com baixa densidade populacional, tecnologia de baixo impacto e longos períodos de pousio”, escrevem Adams *et al.* (2008: 156), “a agricultura de corte e queima pode ser manejada de forma ecologicamente sustentável”.

A partir da epígrafe deste item, pelo menos dois aspectos pertinentes se desdobram: em primeiro lugar, as criaturas são seres que se agarram e, em segundo, a habilidade para agarrar é a única estratégia, único meio que dispomos para resistir, o quanto possível, à oceânica e implacável varredura para o esquecimento.

O contexto das queimadas aqui referido corrobora a continuidade dos entrelaçamentos interespecíficos de linhas de vida, prevenindo sua varredura para o esquecimento; já os incêndios, em seus céleres ritmos, varrem indistintamente a floresta e enfraquecem as possibilidades de agarrar.

Longe de se referir apenas às mãos, esse agarrar diz respeito às aptidões do organismo inteiro: um pássaro que leva alimentos e demais materiais ao ninho, os agarrando com o bico; um bebê gorila que se agarra em suas guardiãs com as mãos e os pés; um elefante que agarra alimentos e um ao outro com suas trombas; uma cobra que se move, agarrando-se à terra com a inteireza de seu corpo; uma planta carnívora que agarra moscas com suas folhas; uma água-viva que agarra plânctons e pequenos peixes com seus tentáculos; um abutre que agarra a carniça com a visão e olfato, antes de alcançá-la com o bico; um morcego que agarra auditivamente alimentos, antes de fazê-lo com sua boca; uma alpinista que se agarra em equipamentos agarrados, por sua vez, à montanha. Enfim, em uma frase: nós, criaturas, vivemos e morremos através dos fluxos de relações rizomáticas, múltiplas, com o meio e seus seres (e o fazemos de corpo inteiro).

Os nós formados pelos entrelaçamentos dos diversos encontros que atravessam e constituem uma região são a base do que Ingold (2000) entende por “habitar”. Habitar uma região é relacionar-se e mover-se com ela e com os seres que também a habitam; é andar com, nadar com, voar com, ver com, cheirar com, escalar com, saborear com, tocar com, respirar com, ouvir com... Portanto, o “habitar” nunca tem a ver com uma experiência vedada ao mundo, como a atividade de um corpo separado do ambiente. Afinal, não existe organismo que seja apartado do ambiente e nem ambiente que seja apartado do organismo que o habita.

O “habitar” é o conjunto (sempre em renovação) dos caminhos pelos quais cada organismo se abre ao mundo e tem o mundo aberto a si (Varela *et al.*, 1993; Ingold, 2000). Nesse sentido, considerando que o corpo é tecido de caminhos de abertura ao mundo, ter as patas queimadas (em termos de ampla “escalabilidade”) é ter queimado cruciais vias de abertura ao mundo (ainda mais quando se trata de onças e demais habitantes da floresta). O incêndio, portanto, não faz arder apenas o corpo, mas o mundo que emerge com esse corpo, ou seja, o mundo como é vivido-percebido por certo organismo, de acordo com seu corpo, movimentos e relações.

As pegadas e os caminhos dependem da mistura de ar e terra com o organismo. Conforme aponta Ingold (2015), o chão, longe de ser uma superfície inerte, trata-se de fractal que passa por contínuos processos de mistura de materiais. As marcas que ele apresenta dependem da ação simultânea de chuvas, ventos, animais e afins. Desse modo, embora os caminhos sejam a consolidação das impressões deixadas por pegadas confluentes, eles são moldados pelas correntes de ar que deslizam por sua linha. A mistura do ar com a terra e a mistura do ar com o organismo, assim, garantem não apenas o traçar de linhas de crescimento e movimento, mas suas histórias. É nesse sentido que Ingold afirma que caminhos e rastros são fenômenos tão aéreos quanto terrestres. Conforme escreve:

Essas reações de mistura, como vimos, são fundamentais para toda [forma de] vida. Se assim é, então devemos certamente reconhecer que a trilha ou caminho é um fenômeno tão aéreo quanto terrestre. Formadas por criaturas - humanas ou não - que devem necessariamente respirar o ar enquanto andam no chão, o caminho não é apenas impresso no chão, mas suspenso nas correntes de vento e intemperismo que, arrastando a superfície da terra, conspira para apagá-lo (Ingold, 2015: 64).

Tendo em mente essas considerações, podemos afirmar que, quando o fogo de incêndio (em termos de ampla “escalabilidade”) engole uma região, fazendo arder seu chão, ar e organismos, oblitera as possibilidades do “habitar” e o faz em quatro sentidos simultâneos, diferentes e complementares. I) Queima o mundo do corpo, pois incinera o corpo que emerge o mundo; II) Queima o corpo do mundo, pois põe o chão, as árvores, pedras, folhas, estruturas, caminhos e rastros em chamas; III) Queima o ar do mundo, substituindo-o por densas fumaças de gases inabitáveis; IV) Queima o ar do corpo, já que se torna irrespirável. Após o incêndio antropogênico, de grande escala e a serviço do capital, o que restam são patas queimadas e caminhos em cinzas. Em outras palavras, para retomar a epígrafe, são histórias e organismos varridos para o esquecimento, pelas marés de um oceano ígneo, por não conseguirem se agarrar a nada além de cinzas imperialistas, espalhadas tanto nas vias de fuga quanto nas vias respiratórias.

O homem branco, assassino direto e suicida indireto, parece não fazer outra coisa senão tentar destruir os caminhos e rastros de onças-pintadas, de outros animais, de plantas e de povos originários: aqueles que, como se diz, atrasam o desenvolvimento do complexo tecno-militar-industrial-financeiro que coordena

a tal pátria a(r)mada. Incendiando as patas das onças-pintadas, impedindo suas pegadas, seus rastros e suas composições, anuncia o desejo-projeto de um mundo perfeitamente plano, liso, sem marcas, sem ar ou terra, cujos caminhos se façam sem pegadas. Mundo este construído como rua sem saída, feita de concreto pretensamente impermeável (já que mesmo nas frestas mais improváveis, eclodem folhas, frutos, espinhos e flores). Esquecendo que caminho não existe caminho nenhum sem aqueles que o traçam ou sem chão para se agarrar ou ar para respirar, o capital busca engolir o mundo, até que o mundo nos engula e os céus caídos nos esmaguem, restando apenas cinzas excessivas sobre o desbotado cinza do asfalto - pelo menos até que, em algum momento, outros organismos e plantas voltem a circular e crescer pelos detritos e ruínas do capitalismo nos cursos das forças “ferais”.

Céus cadentes e fumaças da epidemia

“Se destruírem a floresta, o céu vai quebrar de novo e vai cair na terra!” (KOPENAWA; ALBERT, 2015: 496).

86

Aqui, retomamos o caso dos Yanomami, praticantes das roças de coivara e responsáveis por amarrar o céu com firmeza. Os Yanomami possuem uma profecia cosmológica a respeito da queda do céu, que perpassa a morte dos xamãs e o fim da humanidade a partir da fumaça da *xawara* (epidemia relacionada ao contato com os não-indígenas). A propagação da *xawara* acontece devido à ação predatória dos *napëpë* (não-indígenas) em relação à floresta e aos rios e aos seres que neles habitam, sendo o garimpo o exemplo de ação predatória mais presente no contexto dos Yanomami. A Terra Indígena Yanomami (TIY) é legalmente demarcada desde 1992, mas conta com cerca de 20 mil garimpeiros ilegais que entram e saem da região sem fiscalização governamental. A população dos Yanomami e Ye'kwana que vivem na TIY é de aproximadamente 20 mil pessoas, ou seja, há quase o mesmo número de indígenas e de garimpeiros ilegais no mesmo território.

O garimpo ilegal na TIY já era um dos principais problemas dos Yanomami antes da chegada da pandemia do novo coronavírus no Brasil. O garimpo expõe a população a uma série de riscos: proximidade com redes de crime organizado;

contaminação das águas e do solo por mercúrio, substância que pode causar danos neurológicos e imunológicos quando ingerida; devastação ambiental em todos os sentidos, desequilibrando a relação entre os humanos, outros animais e plantas no local, além de alterar os padrões de disponibilidade de alimentos no contexto da pesca, caça e coleta; aumento do consumo de alimentos industrializados e consequente prejuízo à saúde, introduzindo doenças como cáries e diabetes; alcoolismo entre indígenas; aumento da propagação de doenças transmitidas por vetores, como a malária; violência contra a mulher, como no caso de estupros das mulheres indígenas pelos garimpeiros; propagação de doenças sexualmente transmissíveis e de transmissão respiratória.

A transmissão de doenças por vias respiratórias merece especial atenção no contexto da pandemia. Os garimpeiros estão entre os principais vetores de propagação do coronavírus na Terra Indígena Yanomami, ao lado dos próprios profissionais do Distrito Especial de Saúde Indígena Yanomami (DSEI-Y), que muitas vezes entram nas aldeias sem receberem a testagem adequada para a doença e sem o suporte para os devidos cuidados para conter a propagação do vírus no caso de contaminação.

O coronavírus, por sua vez, enquadra-se na classificação de epidemia relacionada ao contato com os *napëpë* e, portanto, de *xawara*. Apesar da pandemia do coronavírus ser algo novo e inesperado para os brancos, para os indígenas, ela é apenas outra epidemia de muitas que já enfrentaram no passado, e os Yanomami possuem estratégias nativas para lidar com o problema. A TIY possui um longo histórico de *xawara* trazidas pelos *napë* desde os primeiros contatos da década de 1950, o qual está diretamente relacionado à presença e aumento da mineração na região. A primeira morte de um Yanomami com testagem positiva para o coronavírus foi registrada no dia 9 de abril, em Boa Vista, Roraima. No dia 30 de setembro de 2020, segundo monitoramento realizado pela Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana, já haviam sido registrados 8 óbitos confirmados e 10 óbitos suspeitos para coronavírus em toda TIY, além dos 985 casos confirmados e outros 16 casos suspeitos (REDE PRÓ-YY, 30 de setembro de 2020).

Entre as estratégias nativas que os Yanomami usam para lidar com a *xawara*, as práticas do *bekura* e do *wayumi* merecem destaque especial. O *bekura* é uma prática voltada para o xamanismo, considerando que, nesse contexto da *xawara*, os xamãs são de extrema importância para os Yanomami porque são responsáveis por segurar a floresta de pé, pois esta não consegue manter-se

assim sozinha. O *wayumi* é um acampamento na floresta de acordo com o qual a comunidade abandona sua aldeia e suas roças por um período de tempo e vive sobretudo de caça e coleta. O *wayumi* pode ter várias causas, mas no contexto da *xawara* ele é reinventado como uma maneira de fugir da propagação dessa fumaça pelo isolamento.

Segundo a profecia de Kopenawa, a sequência da extração dos minérios do fundo da terra, a proliferação dos seres da epidemia e a morte dos xamãs trará a chegada dos seres do caos:

O céu ficará coberto de nuvens escuras e não haverá mais dia. Choverá sem parar. Um vento de furacão vai começar a soprar sem jamais parar. Não vai mais haver silêncio na mata. A voz furiosa dos trovões ressoará nela sem trégua, enquanto os seres dos raios pousarão seus pés na terra a todo momento. Depois, o solo vai se rasgar aos poucos, e todas as árvores vão cair umas sobre as outras. Nas cidades, os edifícios e os aviões também vão cair (KOPENAWA; ALBERT, 2015: 492-493).

Segundo o centro de pesquisa global Copernicus Climate Change (C3S), o ano de 2020 contou com o mês de setembro mais quente da história. A meteorologista Josélia Pegorim, por sua vez, comentou que a onda de calor que se instalou no Brasil entre setembro e outubro bateu recordes de calor de mais de cem anos¹⁰. Diante dessa aberrante onda de calor somada ao fato de que algumas regiões do Brasil registraram a temperatura de 5°C acima da média, o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) alertou para o risco de morte por hipertermia nas regiões Centro-Oeste e Sudeste e no estado do Tocantins¹¹.

Até o dia 8 de setembro, não havia nuvens escuras, chuva ou vento intermináveis, mas havia calor. Talvez a queda do céu comece com calor antes da chuva, o que até mesmo é explicado pela ciência dos *napëpë*, considerando que a precipitação da chuva também se dá pelo encontro entre uma massa de ar quente e úmida e uma massa de ar fria e seca. Mas o dia 9 de setembro amanheceu noite. Segundo meteorologistas, isso foi causado pela chegada de uma frente fria acompanhada por chuvas e ventos vindos do mar para o continente. Desse modo, as fumaças dos incêndios agrogenocidas e as fumaças da Covid-19 podem ser consideradas fumaças de *xawara* que remetem à profecia da queda do céu.

¹⁰ URL da matéria: <https://oglobo.globo.com/brasil/mundo-registra-setembro-mais-quente-da-historia-em-2020-diz-centro-europeu-24680219>. Acesso em: 24/08/2021.

¹¹ URL da matéria: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2020/10/06/onda-de-calor-continua-e-inmet-alerta-para-risco-de-morte-em-parte-do-brasil.ghtml>. Acesso em 24/08/2021.

Em resumo e correspondência com a discussão acerca das modalidades do fogo, as queimadas das roças de coivara constituem paisagens de “perturbação lenta” que, a partir das cinzas, abrem a possibilidade de novos caminhos e fertilidades ao lado de uma dinâmica de relação com um espaço nômade, móvel e mutável. Já as fumaças dos incêndios imperialistas e mesmo das *xawara*, conceituadas anteriormente como epidemias relacionadas ao contato com os não-indígenas, alertam para o perigo da força “feral” que nasce da ação predatória do capital.

Não desejamos nos perder em pirofobias (medo indistinto do fogo) ou pirofilias (amor indistinto ao fogo), mas sim defender que o pensamento a respeito do uso do fogo não pode ser dissociado da questão da “escalabilidade”. De acordo com Tsing, a “escalabilidade” traz consigo as ruínas do antropoceno - era de perturbação humana marcada pela extinção em massa. A autora defende que é necessário defender uma “teoria da não escalabilidade” na contramão da lógica da expansão, ou seja, da lógica capitalista que gira em torno do lucro: produzir mais pelo menor preço possível, não importando as ruínas que isso custe. No que diz respeito às modalidades do uso do fogo, a “escalabilidade” como forma de expansão está vinculada aos incêndios imperialistas e às *xawara* e, mais do que isso, às suas fumaças-ruínas.

Com efeito, mesmo o fogo de queimada, quando submetido à lógica hiper produtivista, tem sua eficácia terapêutica comprometida, visto que, conforme Zarin *et al.* (2005), um histórico marcado por significativos adensamentos demográficos e acelerado ritmo de queimadas simultâneas e sequenciais torna a floresta mais suscetível ao fogo e reduz a taxa de crescimento florestal secundário. Por outro lado, “quando praticada tradicionalmente em grandes áreas florestadas, com baixa densidade populacional, tecnologia de baixo impacto e longos períodos de pousio”, escrevem Adams *et al.* (2008: 156), “a agricultura de corte e queima pode ser manejada de forma ecologicamente sustentável”, o que pode ser observado no caso dos quilombolas e dos indígenas.

Devir-onça

“Todos os garimpeiros vão morrer, mordidos por cobras caídas do céu ou devorados por onças, que vão aparecer de todos os lados na floresta” (Kopenawa; Albert, 2015: 493).

A profecia Yanomami a respeito do fim do mundo, em todo o seu detalhamento escatológico, alerta para um aspecto de entendimento acerca do “habitar”, das múltiplas relações que todo e cada ser estabelece com o meio, o que parece ter sido suprimido com o desenvolvimento das cidades e cabeças ocidentais modernas. Isso corresponde ao entendimento de que nós, criaturas, não vivemos “sobre” a superfície do mundo, mas vivemos e somos, consistimos “de” mundo. Não agimos “sobre” as coisas, mas “com” as coisas (Ingold: 2015).

Nessa perspectiva, o “agente” não é ativo e o “meio” não é passivo, mas ambos emergem juntos em uma relação que impacta simultaneamente o contínuo processo de transformação do meio e do ser. Somos, a partir de tal perspectiva, filhos da terra (e também filhos do céu, uma vez que os materiais existentes na terra provieram, como hoje bem se sabe, do espaço). Mesmo os próprios Yanomami dizem que nós caminhamos sobre um antigo céu caído. Realocando os seres e as coisas no processo generativo da vida, quebrando a falsa distinção organismo-meio, o modelo extrusivo fala a língua dos materiais e organismos em contínuos movimentos, encontros, contágios, devires e composições. Adotar tal perspectiva é reconhecer que “o mundo não é um domínio externo de objetos que eu olho “para”, ou faço coisas “para”, mas, ao invés disso, é o que está acontecendo, ou passando por contínuo processo generativo, comigo e ao meu redor”. (Ingold, 2000: 108).

Como criar uma zona de composição com as onças? Como compor os rastros dos pés dos humanos com as pegadas das patas das onças? Qual o território comum em que essas marcas de um passado recente se confundem? Para responder a tais questões, apropriamo-nos da noção de “devir-animal”, elaborada por Deleuze e Guattari (1997). Segundo propõem, o “devir-animal” é algo que atravessa tanto os humanos como os não-humanos, no âmbito das relações multiespécie. Os autores não escrevem de forma direta uma definição do “devir-animal”, mas esboçam justamente o que não é o “devir-animal”.

Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação. Toda a crítica estruturalista da série parece inevitável. Devir não é progredir nem regredir segundo uma série. E sobretudo devir não se faz na imaginação, mesmo quando a imaginação atinge o nível cósmico ou dinâmico mais elevado, como em Jung ou Bachelard. Os devires-animais não são sonhos nem fantasmas. Eles são perfeitamente reais. Mas de que realidade se trata? Pois se o devir-animal não consiste em se fazer de animal ou imitá-lo, é evidente também que o homem não se torna “realmente” animal, como tampouco o animal se torna “realmente” outra coisa. O devir não produz outra coisa senão ele próprio. É uma falsa alternativa que nos faz dizer: ou imitamos, ou somos (*Ibidem*: 18).

Fazer devires é produzir encontros entre dois reinos para experimentar a multiplicidade e produzir um outro “possível”. Deleuze e Guattari distinguem três tipos de animais: animais individuados, animais de Estado e animais demoníacos. Os animais individuados são considerados aqueles familiares ou sentimentais. Os animais de Estado ou mesmo animais de classificação são os presentes nos mitos divinos. Os animais demoníacos, por fim, correspondem aos animais de matilhas, afetos, multiplicidades, devires, populações e contos. Vale lembrar que a diferenciação dos três tipos de animais não exclui a possibilidade de todos pertencerem a todas as categorias simultaneamente. “Haverá sempre a possibilidade de um animal qualquer, piolho, leopardo ou elefante, ser tratado como um animal familiar, meu bichinho. E, no outro extremo, também todo animal pode ser tratado ao modo da matilha e da proliferação, que convém a nós, feiticeiros” (*Ibidem*: 22).

A noção de “devir-animal” pode ser empregada aqui para pensar sobre a relação multiespécie entre os humanos e, especificamente, as onças: os humanos, como propagadores das fumaças da *xawara* da Covid-19 e das queimadas ou como indígenas, indigenistas e militantes contra tais propagações; as onças como animais que tiveram suas patas queimadas no contexto da Covid-19 e, conseqüentemente, tiveram seus caminhos em cinzas. Assim, surge o pensamento de um “devir-onça”, como meio para pensar nas onças como animais de afetos que se compõem com aqueles humanos que se posicionam contra a queda do céu. Esse movimento gera multiplicidades de composições nos corpos humanos e não humanos, no chão e nas próprias pegadas. O que pode o corpo do humano? O que pode o corpo da onça? O que podem os corpos dos humanos e das onças quando se misturam?

Não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que pode ele, isto é, quais são seus afectos, como eles podem ou não comportar-se com outros afectos, com os afectos de um outro corpo, seja para destruí-lo ou ser destruído por ele, seja para trocar com esse outro corpo ações e paixões, seja para compor com ele um corpo mais potente (*Ibidem*: 43).

O contágio – zona de relação entre os humanos e não humanos – tem a ver com um jogo de partes heterogêneas: “... por exemplo, um homem, um animal e uma bactéria, um vírus, uma molécula, um microrganismo” (*Ibidem*: 23). O contágio é uma combinação inter-reinos que apresenta de que maneira a vida procede contra si mesma e apenas contra si mesma. O contágio é uma combinação multiespécie ou mesmo um povoamento animal e propagação desse povoamento animal do humano. Os contágios, podemos dizer, são os modos pelos quais os organismos se entretecem. Nesse sentido, todo encontro é um encontro de contágio mútuo, ou seja, de afecções durante as quais os organismos relacionados “vazam” um no outro: o salmão com o urso pardo, a vespa com a orquídea, o bebê com a amamentadora, a aranha com a mosca.

O que seria de nós sem as bactérias, mais numerosas que as células individuais do corpo humano onde vivem e que atravessam cada um de seus poros e dobras? (Damásio, 2018: 159). Esses tipos de “contágios” ocorrem, portanto, no sentido de manter em movimento o processo generativo da vida: embora o salmão morra ao encontrar, contagiar e ser contagiado pelo urso, sempre há fluxo de energia vital. Por outro lado, no contexto da *xawara*, seja das queimadas ou da Covid-19, o contágio se dá no sentido de devastar as possibilidades de qualquer “habitar”, qualquer composição ou movimento que não seja o do próprio vírus, pairando à deriva sobre hectares e hectares de folhas e caminhos em cinzas.

Fazer composição, por sua vez, é traçar um plano em que dançam elementos e materiais que apenas se distinguem pelas suas velocidades de conexões e relações de movimento. Ela vai além da simples questão da organização e abraça as teias de movimento-reposo e velocidade-lentidão. Assim, o fracasso das conexões se dá apenas aos elementos e materiais que não chegam a tempo na composição, sendo que os próprios fracassos fazem parte do plano (*Ibidem*: 41).

A rua compõe-se com o cavalo, como o rato que agoniza compõe-se com o ar, e o bicho e a lua cheia se compõem juntos. [...] O clima, o vento, a estação, a hora não são de uma natureza diferente das coisas, dos bichos ou das pessoas que os povoam, os seguem, dormem neles ou neles acordam. [...] as relações, as determinações espaço-temporais não são predicadas da coisa, mas dimensões de multiplicidades (*Ibidem*: 50).

O devir-onça não diz respeito a imitar as onças que tiveram suas patas queimadas e seus caminhos em cinzas, nem mesmo sentir piedade por elas. O devir-onça é uma composição de afetos e velocidades que fazem os humanos, sobretudo indigenistas e militantes, misturarem-se com as onças. Seria desnecessário dizer que os indígenas devem realizar um devir-onça porque já vivem em perpétuo devir. Conforme Viveiros de Castro (2011: 261): “um povo indígena é uma multiplicidade viva, em perpétuo devir, em perpétua divisão, recombinação, diferenciação”. Poderíamos objetar que todas as sociedades são multiplicidades vivas em devir, já que todas são costuradas pelos encontros que as atravessam. Em certo sentido, é uma objeção válida. Porém, as composições diferem radicalmente em ambos os casos, assim como as ontologias e as maneiras do “habitar” que as contextualizam.

Da perspectiva do garimpeiro, do ruralista e dos outros corsários do desenvolvimento-lucro a qualquer preço, a terra é vista como um espaço para se ocupar, algo que se dá pronto, exterior ao ocupante, mero substrato material que espera a chegada do colonizador para que se abra ao extrativismo. Nessa perspectiva, organismo e meio são entendidos como fundamentalmente antitéticos, em uma pretensa relação de superestrutura (cultural e técnica) e infraestrutura (natural e bruta). Por outro lado, conforme vimos, a profecia Yanomami a respeito do fim do mundo chama atenção para o fato de que a terra não é apenas um espaço dado *a priori*, mas sim um lugar múltiplice, que se abre de diversas maneiras, em contínua composição e recombinação, dependendo dos encontros a cada instante. Floresta e habitante não formam realidades opostas, ambos (organismo e meio) emergem juntos como fontes vitais mútuas que se dissolvem uma na outra: ao seguir as trilhas e andar atento e repetidamente pela mata, um Yanomami se abre e se dissolve em floresta; ao se revelar aos olhos do pequeno futuro xamã, tomado pela mão pelos *xapiripë* (espíritos), a floresta se abre e se dissolve em Yanomami. Sobre as palavras de *Omama* acerca da floresta, Kopenawa declara:

Se as escutarem com atenção, talvez os brancos parem de achar que somos estúpidos. Talvez compreendam que é seu próprio pensamento que é confuso e obscuro, pois na cidade ouvem apenas o ruído de seus aviões, carros, rádios, televisores e máquinas. Por isso suas ideias costumam ser obstruídas e enfumaçadas. Eles dormem sem sonhos, como machados largados no chão de uma casa (Kopenawa; Albert, 2010: 76).

Além do pensamento sobre o devir-onça, pensamos que o homem branco, do qual fala Kopenawa, deve se arriscar num devir-índio. A indianidade, como sugere Viveiros de Castro (2011: 265), não deve ser relegada como memória do passado, mas como projeto de futuro. Isso não significa necessariamente um êxodo urbano ou uma mimese das práticas dos vários povos indígenas. Em vez disso, remete a um refinamento atencional a respeito do que é “habitar” e das linhas que traçamos ao fazê-lo. Chamamos atenção para uma perspectiva verdadeiramente ecológica, em que estão compassados corpo e meio como única e indissociável realidade: patas, terras, pulmões e ares em perpétua união (até que o céu finalmente caia).

Referências

ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; JÚNIOR, Nelson. A Agricultura de Corte e Queima: um sistema em transformação. *Ciências Humanas*, Belém, v. 3, n. 2, p. 153-174, mai. - ago. 2008.

BBC. 23 de setembro de 2020. **Amazônia: agricultores causam maioria das queimadas, e não índios e caboclos, diz cientista Carlos Nobre**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54259838>. Acesso em: 30 de outubro de 2020. (esse n tem como tirar, visto que é entrevista)

BRASIL DE FATO. 8 de outubro de 2020. **Nem caboclos, nem indígenas: desmatamento e grilagem queimam a Amazônia, diz estudo**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/08/nem-caboclos-nem-indigenas-desmatamento-e-grilagem-queimam-a-amazonia-diz-estudo>. Acesso em: 30 de outubro de 2020. (<https://drive.google.com/drive/folders/1ySvdwMbeUoUoSghd6hGNazIIBUccTbWH>)

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A indianidade é um projeto de futuro, não uma memória do passado**. *Prisma Jurídico* v. 10, n. 2, 257-268, jul./dez. 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/271267043_A_indianidade_e_um_projeto_de_futuro_nao_uma_memoria_do_passado_Entrevista_com_Eduardo_Viveiros_de_Castro. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

Correio Brasiliense. 16 de setembro. **Queimadas destroem 85% de parque que abriga maior refúgio de onças-pintadas no mundo**. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/forcabrasilia/2020/09/4875792-queimadas-destroem-85-de-parque-que-abriga-maior-refugio-de-oncas-pintadas-no-mundo.html>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

Damásio, António. **A Estranha Ordem das Coisas: As Origens Biológicas da Cultura**. tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. São Paulo: Editora 34, 1997.

Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

FAGUNDES, Guilherme. **Fogos Gerais: Transformações Tecnopolíticas na Conservação do Cerrado**. 2019. 444 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

Gazeta do Povo. 17 de setembro de 2020. **Bolsonaro, sobre preservação ambiental: “Brasil está de parabéns”**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/brasil-esta-de-parabens-diz-bolsonaro-sobre-preservacao-do-meio-ambiente/>. Acesso em: 30 de outubro de 2020. (n tem como tirar, visto que é sobre a fala do Bolsonaro)

GOV/BR. 18 de setembro de 2020. **Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante a Cerimônia de Ato de homenagem do Agronegócio ao Presidente da República -Sinop/MT**. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2020/discurso200c-200cdo200c-200cpresidente200c-200cda200c-200crepublica-200c-200cjair200c-200cbolsonaro-200c-200cdurante200c-200ca200c-200c200ccerimonia200c-200cde200c-200c-ato200c-200cde200c-200chomenagem200c-200cdo200c-200cagronegocio200c-200cao200c>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

GOV/BR. 22 de setembro de 2020. **Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU)**. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2020/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-abertura-da-75a-assembleia-geral-da-organizacao-das-nacoes-unidas-onu>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

G1/Globo. 18 de setembro de 2020. **Nuvem de fumaça provocada por queimadas no Pantanal chega ao céu de São Paulo**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2020/09/18/nuvem-de-fumaca-provocada-por-queimadas-no-pantanal-chega-ao-ceu-de-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 30 de outubro de 2020. (A única fonte que tem é imanejável. Ideia: usar a imagem/fonte da imagem da matéria).

G1/Globo. 6 de outubro de 2020. **Onda de calor continua e Inmet alerta para risco de morte em parte do Brasil**. Disponível em: <https://g1.globo.com>

com/natureza/noticia/2020/10/06/onda-de-calor-continua-e-inmet-alerta-para-risco-de-morte-em-parte-do-brasil.ghtml. Acesso em: 30 de outubro de 2020. (Dados inacessíveis; o Inmet só disponibiliza as imagens de satélite do mês atual)

Ingold, Timothy. **The Life of Lines: A World Without Objects**. Nova Iorque: Taylor and Francis Books, 2015.

Ingold, Timothy. **The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill**. Londres/Nova Iorque: *Taylor and Francis Books*, 2000.

Kopenawa, Davi; Albert, Bruce. **A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Leonel, Mauro. **O uso do fogo: o manejo indígena e a piromania da monocultura**. *Estud. av.*, São Paulo, v. 14, n. 40, p. 231-250, Dec. 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142000000300019. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

O Globo. 7 de outubro de 2020. **Mundo registra o setembro mais quente da História em 2020, diz centro europeu**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/mundo-registra-setembro-mais-quente-da-historia-em-2020-diz-centro-europeu-24680219>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

Rede Pró-YY. **Covid-19 na Terra Indígena Yanomami**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFwzfpxlz6Y/?igshid=4us5iyqbcid2>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

TSING, Anna. **Viver nas Ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Varela, Francisco; Thompson, Evan; Rosch, Eleanor. **The Embodied Mind: Cognitive Science and Human Experience**. Estados Unidos: Massachusetts Institute of Technology Press, 1993 [1991].

ZARIN, Daniel; DAVIDSON, Eric; BRONDIZIO, Eduardo; VIEIRA, Ima; TatianaSÁ; FELDPAUSCH, Ted; SCHUUR, Edward; MESQUITA, Rita; MORAN, Emilio; DELAMONICA, Patricia; DUCEY, Mark; HURTT, George; SALIMON, Cleber; DENICH, Manfred. Legacy of fire slows carbon accumulation in Amazonian forest regrowth. **Frontiers in Ecology and Environment**, v. 3, p. 365-369, 2005.